

## **Processo de Produção jornalística: do nariz de cera ao *lead* nos jornais de São Luis<sup>1</sup>**

Lígia Guimarães, Pâmela Pinto, Reuben da Cunha Rocha Junior, Sarita Bastos Costa e Yane Botelho<sup>2</sup>. Orientador: Prof. Dr. José Ferreira Junior. (UFMA).

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

**Resumo:** Esse artigo é resultado de uma pesquisa que focaliza a trajetória das relações entre o jornalismo e a literatura, estabelecendo como corpus a linguagem dos jornais da capital maranhense. O objetivo da pesquisa é apontar as estratégias de tessitura do texto, mapeando os contornos, por meio dos quais a linguagem aproximava-se ou afastava-se dos padrões de escrita do século XX. A Metodologia da pesquisa segue a estabelecida pela Crítica Genética de matriz semiótica, que se fundamenta na investigação de documentos de processo, para compreender a transformação do fazer jornalístico. Como conclusão, verifica-se que a estratégia encontrada nos jornais de São Luis para noticiar fatos de maior ou menor relevância apresentava uma hibridez textual, em que aparecem elementos característicos do *lead*, porém envoltos em construções frasais impregnadas por disposições típicas do “nariz de cera”.

**Palavras-chave:** Imprensa maranhense, Linguagem jornalística, *Lead*.

### **Introdução**

No Brasil, durante muito tempo, jornalismo e literatura se confundiam. Até a segunda metade do século XX, o jornalismo era considerado um subproduto das belas artes. O jornal era, para os escritores, o principal veículo de acesso aos leitores.

Os jornais não tinham uma técnica própria de contar história. Como não havia um paradigma, um modelo a seguir, os jornalistas se espelhavam na literatura, e seguiam uma gama variada de estilos e não um estilo padronizado. Pode-se ressaltar também que, além de literatos, havia no jornalismo uma certa tradição associada aos bacharéis de Direito, o que fazia do jornalismo também herdeiro de uma certa retórica “empolada”. Logo, “os periódicos brasileiros seguiam então o modelo francês de jornalismo, cuja técnica da escrita era bastante próxima da literária. Os gêneros mais valorizados eram aqueles mais livres, como a crônica e o artigo polêmico” (RIBEIRO, 2000, p.30).

Ao longo dos anos 50, no entanto, os jornalistas brasileiros foram adquirindo um sentido de categoria profissional diferenciada dos literatos. O que não significa que os

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado à sub-área Jornalismo e editoração do Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação.

<sup>2</sup> Graduandos do Curso de Comunicação Social - jornalismo da UFMA. [guimaraes\\_ligia@yahoo.com.br](mailto:guimaraes_ligia@yahoo.com.br); [pamelapinto@elo.com.br](mailto:pamelapinto@elo.com.br); [reubendacunha@yahoo.com.br](mailto:reubendacunha@yahoo.com.br); [saritabastos@gmail.com](mailto:saritabastos@gmail.com); [yanesbotelho@yahoo.com.br](mailto:yanesbotelho@yahoo.com.br)

dois campos (literário e jornalístico) tenham se autonomizado totalmente. Incorporaram-se no jornalismo brasileiro, práticas discursivas advindas do jornalismo norte-americano. A linguagem jornalística começou a adquirir uma sistematização interna. As regras de redação retiravam do jornalismo noticioso qualquer caráter emotivo e participante para garantir a impessoalidade e a ocultação do sujeito de enunciação. No jornalismo brasileiro, dava-se a transição do nariz de cera para o lead.

O nariz de cera era o texto introdutório, longo e rebuscado, normalmente opinativo, que antecedia a narrativa dos acontecimentos e que visava ambientar ao leitor sobre os fatos que seriam narrados a seguir. Usava uma linguagem prolixa, cheia de preciosismos e pouco objetiva. Outra marca visível do padrão francês no jornalismo brasileiro era o excesso de títulos e uma ausência de lógica na hierarquia do material. Cita-se aqui o exemplo de um nariz de cera do Jornal do Povo, ano VI, nº1506, em 03 de maio de 1955:

*“O secretário da justiça tentou assassinar clovis sena*

Protegido pelos trabucos do sr. Lister Caldas Atirou-se sobre sua vítima, possesso e tomado de furor homicida

Um homem do povo salva a vida do jovem cronista e entra em luta com Alexandre – cena de banditismo num dia eleitoral -

O secretário do Interior, Justiça e segurança do Estado, o sr. Alexandre Costa, protegido pelo deputado federal Lister Caldas, e mais um capanga não identificado, tentou assassinar, domingo, na rua da Cruz, no João Paulo, o jornalista Clovis Sena, cuja vida foi milagrosamente salva, graças à providencial interferência de um homem do povo, justamente revoltado com aquele ato de banditismo e covardia. A cidade inteira está dominada pela maior revolta e indignação e Clovis tem recebido o apoio mais caloroso e decidido das figuras mais representativas de todas as Classes de São Luis...”

Contrapondo-se ao nariz de cera, reformas editoriais surgem em meados do século XX. Na estruturação da notícia, o jornalismo adotou a pirâmide invertida<sup>3</sup> e o *lead*. O segundo termo vem do inglês, significa conduzir, é a abertura do texto jornalístico, que deve resumir o relato do fato principal respondendo às seis perguntas básicas: quem? Fez o quê? Quando? Onde? Como? E por quê? Tem-se a seguir um *lead* clássico, do Jornal do Brasil de 25 de novembro de 1959:

*“ Papa faz hoje 78 anos*

O Papa João XXIII completa hoje 78 anos. A data não será comemorada com nenhuma cerimônia nem em Roma, nem no Rio: a

---

<sup>3</sup> De acordo com essa técnica narrativa o texto noticioso deveria ser estruturado segundo a ordem decrescente de interesse e relevâncias das informações, de maneira que o leitor tivesse acesso aos dados essenciais sobre o fato nos parágrafos iniciais.

praxe do Vaticano é de comemorar apenas os aniversários de coroação”.

A década de 50 foi marcada pelo crescimento econômico, pela efervescência cultural, com os movimentos artísticos, que buscavam nas diferentes áreas, formas de expressão capazes de se integrar à idéia de modernidade e desenvolvimento tão presente no imaginário da época. No Rio de Janeiro, despontava a Bossa Nova, o Cinema Novo, o Teatro Brasileiro de Comédia, o Teatro Arena; era o auge da terceira geração modernista e, no Brasil, surgia, ainda, as primeiras manifestações de arte concreta de Haroldo de Campos. Era um clima marcado também pelas conquistas democráticas, o que gerou uma conjuntura extremamente favorável à “modernização” do jornalismo brasileiro.

Ocorreu uma incorporação da imprensa na esfera da Indústria Cultural e uma tendência dos jornais de se tornarem cada vez menos subjetivos. Ana Paula Ribeiro, em *Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 50*, aponta que foi, somente, ao longo dos anos 50, que se reuniram as condições macroestruturais (como a industrialização, crescimento econômico e demográfico e aumento do nível de instrução da população) para que a longa fase do jornalismo literário e político fosse superada e a imprensa se ingressasse definitivamente na fase industrial e empresarial.

O Diário Carioca foi o primeiro jornal brasileiro a adotar, de forma sistemática, as técnicas norte-americanas, a lançar manual de redação e instituir o *copydesk* (cuja função era dar unidade de estilo aos textos jornalísticos do veículo). Tendência que foi seguida pelos principais jornais brasileiros. Até o final da década de 50 o *lead* já era instituído como fórmula nas redações do país. Processo, esse, que só vem se verificar na imprensa maranhense de forma tardia, no final da década de 60, ou meados da década de 70, e ainda sob uma forma híbrida.

Traça-se aqui um breve panorama do cenário político-econômico maranhense durante o período de 1950 a 1970, recorte referente à pesquisa dos diários locais.

Com a redemocratização do Brasil, em 1946, o Maranhão passa a ter a liderança política na figura do pernambucano do PSD, Vitorino Freire. O grupo vitorinista dominou a cena política maranhense até 1965, quando foi eleito governador do Maranhão o candidato de oposição ao vitorinismo José Sarney, da UDN. De acordo com Ferreira Júnior, em *A arena da palavra*, o vitorinismo foi uma das formas de *mandonismo* político que teve, no *coronelismo*, uma de suas modalidades de manifestação (1998, p. 27).

As Oposições Coligadas – grupo de políticos de oposição representados pelos partidos UDN, PSP e PR – foram a principal oposição ao vitorinismo. Tinha como líderes o deputado e intelectual José Sarney (UDN) e jornalista e deputado federal Neiva Moreira. Em 03 de outubro de 1965, José Sarney foi eleito com 112.062 votos, desarticulando assim o PSD no Maranhão. Para garantir a vitória no pleito, Sarney contou com o apoio dos militares que promoveram ampla revisão eleitoral, através do TRE (Tribunal Regional Eleitoral), para por fim à “Universidade da Fraude” – como ficaram conhecidas as intervenções de Vitorino nos resultados dos pleitos - e garantiram a segurança nas eleições com policiamento. Dos 497.463 eleitores de 1962, cerca de 200 mil eram irregulares (leia-se fantasmas), isso quer dizer que 40% do eleitorado foi retirado da folha de votação.

Para Sebastião Jorge (1978) a imprensa no Maranhão, desde a época do Império, tem sido um espaço para debates políticos, (apud Ferreira, 1998, p.45). Como afirma Ferreira (1998) nota-se que os órgãos de imprensa estavam quase sempre diretamente ligados a facções políticas. Eis algumas informações sobre o perfil<sup>4</sup> dos diários locais aqui analisados:

- Jornal do Povo – “fazia oposição ao governo do Estado e ao vitorinismo. Era dirigido pelos políticos do PSP, comandado pelo deputado federal Neiva Moreira. Abria espaço para a UDN maranhense”. (FERREIRA, 1998.47)
- Jornal Pequeno – foi fundado pelo jornalista José Ribamar Boga, no início dos anos 1950. Fazia oposição ao vitorinismo e ao governo estadual, mas não mantinha ligação partidária expressa formalmente com qualquer grupo político. Pelo destaque que dava ao noticiário policial e esportivo, representava o periódico que mais se aproximava das camadas da população possuidoras de uma menor cultura verbal (FERREIRA, 1998. 47).
- O Imparcial – é hoje o jornal mais antigo em circulação no Estado, manteve-se ao lado do situacionismo e do poder local. Tendo sido, sobretudo, instrumento político do jornalista Assis Chateaubriand, proprietário do conglomerado Diários Associados, durante o período analisado (1950 a 1970).

Quanto ao Maranhão, têm-se os seguintes dados do censo realizado em 1950: o índice de analfabetismo beirava 80% entre pessoas acima de cinco anos. Em São Luís,

---

<sup>4</sup> Perfis expostos por Ferreira Junior em *A arena da palavra: parlamentarismo em debate na imprensa maranhense, 1961-1963*. São Paulo; Anablume, 1998.

de 104.085 pessoas com mais de 5 anos, apenas 62.241 (quase 60%) sabiam ler e escrever. Quanto à economia o censo constatou que as atividades que aglutinavam maior número de pessoas eram ligadas ao setor primário da economia (agricultura, pecuária e silvicultura)<sup>5</sup>. “Em 1960, entre os maranhenses com mais de quinze anos, 67,78% eram analfabetos”. (FERREIRA, 1998. 25)

De acordo com Ferreira, em *Arena da Palavra*, podem ser identificadas, de modo bastante sucinto, algumas características da sociedade maranhense do início da segunda metade do século XX, tais como a extrema concentração de poder, o atraso econômico e a baixa urbanização. Afirma o sociólogo José Caldeira:

Numa sociedade como a do Maranhão pouco atingida pelos processos de transformação aos quais se submeteu a sociedade nacional (...) evidencia-se ainda a presença de uma série de elementos que a caracterizam como uma sociedade isolada, marcada profundamente pela ação dos longos mandonismos políticos, que foram capazes de imprimir lhes uma estagnação social, política, econômica e cultural (CALDEIRA, 1978 Apud FERREIRA, 1998. p. 26).

Esse cenário socioeconômico (e político) se traduziu na configuração pela qual tomou a imprensa local. A introdução de técnicas modernas de construção textual, certamente, foi mais lenta do que nos centros hegemônicos do país.

O *lead* tardio na imprensa maranhense, por exemplo, suscitou a necessidade de uma pesquisa empírica sobre a tessitura textual nos impressos locais. Têm-se, aqui em análise, os principais jornais da capital durante o período de duas décadas por quais perpassam o vitorinismo e o sarneísmo. (Jornal O Imparcial: 1950-1970; Jornal Pequeno: 1950-1970; Jornal do Povo: 1950-1964 e Jornal do Dia: 1964-1970). É uma época que, no cenário nacional, vive-se grande desenvolvimento político, econômico e cultural, que geram, inclusive, transformações no jornalismo e no fazer jornalístico. Em contrapartida, o Maranhão vive sob o mandonismo, o ruralismo e aquém das transformações vividas no restante do país, na década de 50. Com redações permeadas por literatos, a linguagem jornalística nos diários locais demora a seguir os padrões do restante do país.

Essa pesquisa aborda, portanto, a mudança da técnica da linguagem jornalística em que se compara o *lead* nos diários de São Luís com as mudanças ocorridas nos principais jornais brasileiros. A consideração a essa transformação da linguagem levou a

---

<sup>5</sup> REVISTA FIPES, ano 1.n.1.jan./jun. 1989 . São Luís, Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais. v.4 ilust. semestral

uma investigação sobre o desenvolvimento da linguagem jornalística na cidade de São Luís, utilizando-se das características encontradas nos textos dos noticiários, excluindo-se os de caráter nitidamente opinativos, direcionando-as a um movimento de encontro com o que hoje se designa *lead*.

O interesse pela produção textual jornalística dessas duas décadas e dos jornais em questão está por nela se encontrar a convivência entre recursos característicos da linguagem literária, da linguagem jornalística e, ainda, da linguagem de caráter popular, dada a época da instituição do *lead* em jornais de outras capitais do país. Nessa pesquisa, são apontadas e são distinguidas as linguagens da literatura, do jornalismo e seus respectivos utilitários técnico-materiais, bem como a linguagem popular, na construção de um texto jornalístico. Assim, constata-se a progressiva substituição da linguagem literária pelo *lead* e a adesão ou formação, nos jornais ludovicenses, de uma linguagem aos moldes da cultura jornalística dos grandes centros nacionais.

A metodologia dessa pesquisa estará seguindo aquela estabelecida pela Crítica Genética de matriz semiótica<sup>6</sup> que se fundamenta, inicialmente, na constituição do prototexto (*avant-texte*), definido pelos geneticistas como instrumento operacional, realizado pelo pesquisador, resultante da organização e, quando necessário, da transcrição dos documentos de processo, significando, simplesmente, os documentos cronologicamente anteriores ao momento definido, pelo pesquisador, como texto ou como obra referente da pesquisa. Nesta etapa, elabora-se um dossiê com os textos dos jornais, que no caso, serão as incursões redacionais que trasladaram o texto do nariz de cera para o *lead*. Estando de posse do prototexto, o crítico genético expõe esse labirinto criativo e observa as mudanças pontuais ali existentes. Os próprios documentos servem de guia controlador para as interpretações que dele serão feitas.

Através da análise semiótica e genética da produção cotidiana do jornalismo impresso, pode-se compreender pontos de interseção entre os recursos das várias linguagens existentes na produção jornalística dos jornais ludovicenses referidos na pesquisa, configurando um âmbito que acompanha o movimento/processo de criação/produção (conceito geneticista) do *lead*.

A Crítica Genética tendo sua base teórica atrelada aos conceitos da Teoria Geral dos Signos, de Peirce, fornece os fundamentos lógicos tanto para a análise dos textos redacionais como para a investigação dos desdobramentos de sua produção, exatamente

---

<sup>6</sup> Semiótica em cuja base estão inseridos conceituais da filosofia do norte-americano Charles Sandres Peirce

por possibilitar a compreensão do movimento de produção, dada a periodicidade rumo às mudanças existentes na estrutura da notícia jornalística entre as décadas de 50 e 60. É feito, desse modo, um acompanhamento dos nexos e dos encadeamentos sógnicos, além da seleção de diferenças que se configuram como informação entre as várias linguagens presentes nos textos.

O material a ser utilizado em nossa pesquisa, para além de teorias dispostas nos livros, serão os jornais que se encontram no acervo da Biblioteca Benedito Leite, na cidade de São Luis, e os que se dispõem na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

### **Uma breve análise de processo: Jornal do Povo; Jornal O Imparcial e Jornal Pequeno**

Iniciaremos nossa exposição pelo jornal O Imparcial, que foi fundado em 1º de maio de 1926, pelo jornalista José Pires Ferreira, com um perfil sóbrio e moderno para a época, buscando ser referência no jornalismo maranhense contaminado pelos jornais políticos - de famílias. Este nome já pertenceu a outros dois periódicos de São Luís, o primeiro data de 27 de maio de 1899, faliu nas primeiras edições e o outro, surgiu em 1914, e se manteve até 1915. Não há, pois nenhuma ligação entre os mesmos.

Em setembro de 1944, J. Pires vende o jornal para o maior conglomerado da comunicação do país, Os Diários Associados, de propriedade de Assis Chateaubriand. A adesão ao grupo promoveu algumas modificações, como o fim da pretensão de imparcialidade com as notícias, principalmente as de política. O jornal mostrou-se, no período de 1950 a 1970, um canal político de Assis Chateaubriand com lideranças políticas locais. Ele apoiou o senador Vitorino Freire, líder regional do PSD (Partido Social Democrata), e seus governadores. E, em seguida, o jornal foi um dos principais palanques para a propaganda e para o discurso da campanha política de José Sarney ao governo do Maranhão, em 1965. Fez a cobertura intensiva, desde a prévia (1963) até o fim do mandato de Sarney, 1970.

O jornal teve que se submeter ao estilo da cadeia de jornais associados. O texto passou por adequações, pois o fluxo de matérias vindas das agências de notícias de fora, exigia, dos jornalistas locais, um texto similar; a disposição das notícias e sua hierarquia também foram modificadas a prioridade passou a ser do conteúdo internacional, depois do nacional, o regional, até chegar ao local, que ficava, em sua maioria, restrito à última

página. O conteúdo das matérias era variado, falava sobre acontecimentos esportivos, sociais e, principalmente, políticos.

Conservou-se um posicionamento de vanguarda técnica. Em outubro de 1973, aderiu à impressão *off-set*, a fotocomposição eletrônica e a composição computadorizada. A implantação do *lead* se deu de forma mais urgente, devido ao contato com os textos e o padrão dos Associados. Abaixo poderemos exemplificar que essa adoção foi paulatina e estava diluída nos textos de forma híbrida, oscilando ao longo dos anos. Na edição de 1952, já podemos encontrar um texto que atenda à necessidade do *lead* de delimitar a linguagem jornalística, privilegiando a informação; já o segundo exemplo, mostra o texto de forma desordenada (indireta), mas respondendo às cinco questões essenciais do *lead*.

*“Incorporada à cadeia de rádios e jornais dos “D. A” a rádio  
Difusora de Teresina*

Os diários e rádios associados, possuem desde ontem, uma nova emissora, no Norte do país. É a Radio Difusora de Teresina, cuja aquisição acaba de ser feita, pelo nosso consorcio publicitário, por intermédio do Dr. João Medeiros Calmon, que atualmente se encontra na capital piauiense (...)” (O Imparcial de 18/04/1952, p. 8)

*“Governador José Sarney vem sendo alvo de expressivas  
manifestações de solidariedade  
Repudiada a tentativa de assassinato do Chefe do Executivo  
maranhense - notas*

Continua o Governador José Sarney recebendo dos seus amigos e correligionários, não só da capital como do interior do estado, as mais expressivas manifestações de solenidade, em face dos acontecimentos verificados na noite de ante-ontem, no bairro da Belira, quando o individuo Antonio da Silva Araujo Filho tentou assassina-lo.

*Prestava conta dos seus primeiros 10 meses de governo*

Como foi amplamente noticiado pela imprensa, o Chefe do Governo discursava naquele bairro prestando contas dos seus primeiros dez meses de administração quando, empunhado de uma faca, surgiu inopinadamente, à sua frente o individuo (...) gritando “Vai morrer”” (O Imparcial de 16/11/1966, p. 8)

O processo de transição da linguagem poluída do nariz de cera para o *lead* foi reafirmada pela introdução do curso de Jornalismo, na Universidade Federal do Maranhão, na década de 1970: Grande parte dos jornalistas se graduaram através deste curso. Houve assim a pressão do cotidiano da linguagem das agências de notícias dos Associados, que buscava uma homogeneização no estilo dos jornais da cadeia, somadas à pragmática do Curso de Jornalismo para uma transformação mais eficaz no conteúdo



de O Imparcial. Não há um marco definitivo, ao longo do período pesquisado, para registrar a consolidação do *lead*, da forma que conhecemos hoje. Há sim uma oscilação ao longo dos anos e exemplares, de modelos, que hora se aproximam e se afastam da linguagem técnica. O *lead* firmou-se plenamente em meados da década de 1970.

Num segundo momento de análise, tem-se o Jornal do Povo, comandado pelo Deputado Federal Neiva Moreira, fundado em 1950 e extinto em 1964, com o Ato Institucional nº I. O Jornal do Povo era o mais importante veículo de oposição ao governo do Estado e ao movimento vitorinista. De acordo com Louzeiro, 1989: “O Jornal do Povo foi, além de trincheira da oposição, um reformador da imprensa no Maranhão. Substituiu aquele jornalismo literário, pretensamente analítico ou de fuxico doméstico, valorizando a reportagem e a denúncia”. (LOUZEIRO, 1989: p 112). O jornal tinha como slogans: “contra a opressão e a injustiça social” e ainda, “o máximo de jornal no mínimo de espaço”.

O perfil editorial e a missão do Jornal do Povo refletiam na linguagem ácida e denunciadora do porta voz do PSP. Colaboravam na produção diária do JP vários nomes importantes da literatura maranhense como Lago Burnertt (revelação como chargista), Amorim Parga, Ferreira Gullar, Walbert Pinheiro, Celso Bastos, José Sarney, Clodomir Millet, Henrique La Roque, Odilo Costa Filho, Cid Carvalho, Joaquim Mochel, Paulo Nascimento Moraes, Sebastião Bandeira, Clovis Sena, Helena Barros, Villela de Abreu, Erasmo Dias, Casemiro Carvalho, Heider Paz, o professor e vereador Mataroma, Bandeira Tribuzi entre outros.

A pesquisa se detém em analisar o processo de transformação da tessitura textual das matérias noticiosas e factuais de 1950 a 1970. Textos jornalísticos, que diferentemente dos grandes centros do país, demoraram a adotar o *lead* e apresentam, na maioria dos casos, uma hibridez textual, linguagem ora preciosista, com recursos literários, ora mais sucinta e ordenada. Temos:

“Neiva Moreira na Ilha Esta Manhã:  
*Afluem para São Luís dirigentes da oposição*”

Campanha dos quarenta mil, fator decisivo no pleito de outubro  
– A Convenção pessepista indicará candidatos

O deputado Neiva Moreira deverá chegar esta manhã a São Luís, viajando num “Constellation” da Panair. No avião da manhã de quarta-feira chegará o dep. Clodomir Millet, sendo esperado também nos próximos dias, o deputado Cunha Machado. O grupo dirigente oposicionista estará, assim, quase todo reunido na capital, nos próximos dias, às vésperas do lançamento oficial da campanha de outubro”. (04/01/1958 ANOVII N°2261 - Jornal do Povo, p.1)

*“Diretor de ensino superior: - maranhão terá sua universidade federal*

Após a chegada, ontem a São Luis, o enviado do ministro da educação, dr. Demerval Trigueiro, Diretor do Ensino Superior, esteve reunido às 15 horas, na sede da União dos Estudantes Maranhenses, debatendo com os acadêmicos de medicina, o problema da Criação da Universidade Federal do Maranhão, no atendimento das reivindicações dos universitários e de todos os maranhenses” (...)(12/09/1963- Jornal do Povo, p.1)

Tomando-se como rastros do processo criativo o próprio fazer jornalístico diário, de semiose<sup>7</sup>, de uma linguagem que está sempre em transformação, nota-se que nas matérias do Jornal do Povo, aqui citados 1958 e 1963<sup>8</sup> sofrem transformações estruturais ao longo dos anos. Mas não consiste em um percurso retilíneo (nariz de cera → lead), e sim um processo de idas e vindas, de tentativas instrumentais e, por vezes retóricas, no trabalho diário de publicizar os fatos.

O Jornal do Povo funcionava como um porta-voz anti-vitorinista e na sua linguagem ficavam as marcas da exacerbação da luta em prol do Povo<sup>9</sup>. Possuía um discurso que não somente enunciava, mas pronunciava e denunciava<sup>10</sup>.

Na matéria de 1958, aqui citada, as perguntas do lead são respondidas, mas não de forma clara e sucinta. Observa-se um texto permeado por adjetivos e, por vezes, a própria opinião explícita do jornalista. Na matéria de 1963, no entanto, percebe-se certo distanciamento do enunciadador em relação ao texto (no caso não se trata de um relato sobre a chegada de um líder pessepista, mas sim do Ministro da Educação, que

---

<sup>7</sup> Para Peirce, semiose é ação do signo ou ação interpretativa ou inferencial a partir do signo. É a semiose que faz com que o interpretante, aquilo que se forma na mente do intérprete sobre o objeto a partir da mediação do signo ou representamen, não se cristalice, mas se transforme em outro signo, que por sua vez corresponderá a outro objeto, que por sua vez criará na mente do intérprete outro signo e assim numa sucessão infinita. Por este motivo, fala-se o nome de semiose infinita.

<sup>8</sup> Lembrando-se que o dossiê completo de todos jornais em análise consiste na transcrição de uma matéria de cada mês, durante todos os meses de todos os anos entre o período de 1950 a 1971.

<sup>9</sup> O elemento “povo”, que segundo o nome, o jornal representava, era sempre enfatizado nas matérias de cunho político.

<sup>10</sup> “Anunciar: relato dos fatos, com discurso documental, descritivo – distanciado do narrador, divulgam e relatam acabadas em tempo. Enunciar: por a mostra, expôr, expressar, exprimir a manifestação dos fatos através de um discurso que se oculta como discurso, não se percebe o narrador, parece que os acontecimentos têm vida própria. Pronunciar: criticar de forma indireta, revelar, ironizar, mas sempre em tese a ser definida. Denunciar: opinar, declarar-se contra ou a favor de alguma coisa explicitamente. “Quarteto variante” proposto por Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari no Técnica da Reportagem: notas sobre a narrativa jornalística” (Summus Editorial, 1986).

anunciara sobre a criação da Universidade Federal do Maranhão). É um lead mais próximo do convencional e menos subjetivo.

Portanto, o que se constata com a pesquisa é que durante o período de publicação do *Jornal do Povo* havia uma despreocupação em seguir um padrão nacional de fazer jornalismo. Não havia a intenção de garantir impessoalidade, nem de ocultar o sujeito que falava para o interlocutor. Era o *Jornal do Povo* que estava falando. Tinham-se pois, textos ora mais prolixos e empolados (quando havia necessidade de representar a indignação ou o êxtase) e textos ora mais ordenados e mais sucintos (quando a voz do enunciador não precisava ser tão explícita).

O *Jornal Pequeno* foi lançado em São Luís, no Maranhão, em 1951 no dia 29 de maio pelo jornalista José Ribamar Bogéa, falecido em 1996. O *Pequeno* se tornou um dos diários mais populares de 1950, apesar de seu encurtado tamanho e apresentação gráfica um tanto modesta (traçado em caixas de tipo, praticamente feito à mão). Não apresentava, em seus primeiros anos de existência, uma uniformidade em seu projeto gráfico. Ferreira Júnior descreve que o jornal movia seu cabeçalho a cada edição (FERREIRA, 1998. 55).

Há inúmeras notícias e fatos que fazem o *Jornal Pequeno* ser sempre visto como um veículo de oposição e resistência dentro do jornalismo maranhense. Durante a cobertura da Greve de 51, por exemplo, o *Jornal Pequeno* veiculava tanto os artigos das Oposições Coligadas quanto os da ala governista-vitorinista. O que também se sobressai na análise do jornal é a constatação da preferência dada aos noticiários de caráter mais popular. Retomamos a citação de Ferreira Junior, a respeito do *Jornal Pequeno*: ‘Pelo destaque que dava ao noticiário policial e esportivo, representava o periódico que mais se aproximava das camadas da população possuidoras de uma menor cultura verbal’ (FERREIRA, 1998, p.51).

Uma característica marcante no jornal, desde seus primórdios, é a forte presença de fatores característicos do sensacionalismo – a punição e a transgressão . Como nos diz Angrimani em *Espreme que sai sangue* (1998), esses fatores são uma opção editorial, que chamam a atenção, utilizando-se de uma linguagem “clichê”, chula, em contraposição aos veículos que utilizam signos mais distanciados. Esses signos clichês provocam a ampliação de um determinado fato, como bem expressa Angrimani.

Os assuntos que mais se sobressaem no *Jornal Pequeno*, além dos políticos, são pequenos escândalos, crimes passionais, catástrofes, acontecimentos misteriosos, magia negra, aberrações da natureza, casos de estupro, etc. Essas escolhas bizarras são os

chamados *fait divers*. *Fait divers* é uma palavra francesa: “fatos diversos. Diz-se da notícia que desperta interesse no leitor por implicar rompimento insólito ou extraordinário do curso cotidiano dos acontecimentos. Assim, o crime passional, a briga de rua, o atropelamento, o assalto são *fait divers*, narrativas típicas do jornalismo sensacionalista e popularesco” (BARBOSA, p. 296). Conceito interessante para a especificação da linguagem e temas utilizados no Jornal Pequeno, levando-nos a acreditar na aproximação dos temas desse jornal com a literatura e/ou entretenimento, já que são esses mesmos temas que, de acordo com Edgar Morin no Espírito do Tempo, costumam aparecer nos livros literários e filmes. Observamos a matéria a seguir:

*“Mulheres em sangrenta luta*

Por questões de ciúme, às três horas da madrugada de hoje, a borboleta Alzira de Tal, moradora à Rua 28 de Julho, 486, agrediu Maria José Moreira, à porta da residência desta última, à Rua Euzébio, nº 114.

Em consequência das giletadas, Maria Moreira sofreu ferida incisa na região lombar e na orelha esquerda, achando-se sob cuidados médicos na enfermaria nº 3 do Pronto Socorro.

Alzira foi recolhida ao xadrez poucos minutos depois da consumação do crime. Segundo apuramos, o cabo Wilson, da PME, foi o {pivot} da briga”.(11 de fevereiro de 1955, no Jornal Pequeno, p. 1)

Notamos nessa matéria o tema do crime, da paixão, do ciúme, e o uso de signos/interpretantes “clichês” para designar alguns significados: borboleta = prostituta; giletadas = cortes feitos a lâmina tipo gilete; xadrez = cadeia, prisão. O emissor emprega esses termos para dar maior expressividade a sua mensagem. A utilização desses signos convida o leitor a projetar sua fantasia. Provoca sensações de risos, conseguidos a partir do uso desses termos com tons popularescos. Outra observação bastante necessária vem do conceito peirciano de experiência ou observação colateral. É devido a uma familiaridade entre certas designações – xadrez, borboleta, ou até mesmo da utilização do endereço situado à Rua 28 de Julho – e o receptor que o efeito do signo é alcançado, provocando as sensações propostas pelo emissor. A Rua 28, por exemplo, é conhecida historicamente na cidade de São Luís, por residir vários prostíbulos, o que torna essa informação ainda mais necessária na matéria.

A partir de análises como essa, nossas observações levam a crer que há, em certo nível, um caráter distanciado entre a linguagem utilizada pelo Jornal Pequeno e a linguagem que se adotava nos jornais de circulação nacional da época, e ainda, entre os recursos usados no Jornal Pequeno e a linguagem do jornal O Imparcial, do Jornal do Povo e do Jornal do Dia. A linguagem cheia de termos clichês até hoje permeia os

textos do Jornal Pequeno. Aos poucos, foram adotadas características que se configuram de acordo com as respostas às perguntas do chamado *lead*. É o que observamos hoje. Logo, podemos concluir que até este momento, a linguagem do Jornal Pequeno ainda está caracterizada com termos híbridos, uma mescla de linguagem jornalística e temas literários, além do uso da linguagem de caráter popular, já que a linguagem instrumental (*lead*), parece ir de contra-acordo com as narrativas a que se propõe o jornalismo de cunho sensacionalista.

Este projeto é um desmembramento do trabalho realizado por Ferreira Júnior, coordenador do grupo de pesquisa de Comunicação Midiática e Institucional, que trabalha na linha de investigação dos processos de produção midiática. Buscamos analisar a transição da linguagem adjetivada do “nariz-de-cera” para a linguagem técnica adotada com o *lead*, nos jornais de São Luís, O Imparcial, Jornal Pequeno e Jornal do Povo, no período de 1950 a 1970. Durante este espaço de tempo percebemos que cada jornal, conforme suas características e necessidades, portou-se de forma própria, mas que todos tiveram uma peculiaridade em comum, apresentavam os elementos essenciais da nova linguagem jornalística balizada pelo *lead*, mas as organizavam de forma irregular, conforme a estrutura do “nariz-de-cera”. Os estudos, em andamento, apontam para a concordância de que a consolidação do *lead* no Maranhão se deu em meados da década de 1970.

## Referências

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1995.

BUZAR, Benedito. **O Vitorinismo: Lutas políticas no Maranhão**. São Luís: Lithograf, 1998, p.528.

FERREIRA JUNIOR, José. **A Arena da Palavra: Parlamentarismo em debate na imprensa maranhense, 1961-1963**. São Paulo: Annablume, 1998.

FERREIRA JUNIOR, José. **Capas de Jornal**. São Paulo: SENAC-SP, 2003.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. 3 ed. Porto alegre: Ortiz, 1997.

GONÇALVES, Maria de Fátima da Costa. **A Reinvenção do Maranhão Dinástico**. São Luís: Edições UFMA-Proin (CS), 2000.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da Notícia**. Petrópolis; vozes, 1979.

LAGE, Nilson. **Teoria e Técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

LOUZEIRO, José. **Pilão da madrugada/ Neiva Moreira/ depoimento a José Louzeiro**. – Rio de Janeiro: Terceiro Mundo, 1989.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX: O espírito do tempo I – neurose**. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense. 1981.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.

REVISTA FIPES, ano 1.n.1.jan./jun. 1989 . São Luís, Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais. v.4

RIBEIRO, Ana Paula. **Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 50**, tese de doutoramento. UFRJ, 2000.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: Fapesp: Annablume, 1998.

SALLES, Cecília Almeida. **Uma nova introdução**; fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística. 2. ed. São Paulo: Educ, 2000.

SODRE, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem** – notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

Jornais

AFLUEM para São Luís dirigentes da oposição. **Jornal do Povo**, São Luis, 04 de janeiro de 1958, p.1.

DIRETOR de ensino superior: Maranhão terá sua Universidade Federal São Luis. **Jornal do Povo**, 12 de setembro de 1963, p.1.

INCORPORADA à cadeia de rádios e jornais dos “D. A” a rádio Difusora de Teresina. **O Imparcial**, São Luis, 18 de abril de 1952, p.8.

MULHERES em sangrenta luta. **Jornal Pequeno**, São Luis, 11 de fevereiro de 1955, p. 1.

O SECRETÁRIO da Justiça tentou assassinar Clovis Sena. **Jornal do Povo**, São Luis, 03 de maio de 1955, ano VI, p.1.

PAPA faz hoje 78 anos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1959.

SARNEY renuncia e deixa o Palácio nos braços do povo. **O Imparcial**, São Luis, 15 de maio de 1970, p. 8.